



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ROSIMERE PINHEIRO DA SILVA**

**PRINCIPIOS POLÍTICOS, PEDAGÓGICOS E METODOLÓGICOS PARA O  
ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NA TEORIA DE PAULO FREIRE**

Palmas, 2019.

**ROSIMERE PINHEIRO DA SILVA**

**PRINCIPIOS POLÍTICOS, PEDAGÓGICOS E METODOLÓGICOS PARA O  
ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NA TEORIA DE PAULO FREIRE**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins como requisito de avaliação para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da professora Juciley Evangelista freire.

Palmas, 2019.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586p Silva, Rosimere .

Princípios políticos, pedagógicos e metodológicos para o ensino de jovens e adultos na teoria de Paulo Freire . / Rosimere Silva. – Palmas, TO, 2019.

30 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pedagogia, 2019.

Orientadora : Juciley Silva Evangelista Freire

1. Educação de jovens e adultos no Brasil: histórico e concepções político-pedagógicas. 2. Paulo Freire e os fundamentos teórico- metodológicos e princípios político-pedagógicos para a educação de jovens e adultos. 3. Paulo Freire e seu legado para o EJA. 4. Princípios político- pedagógicos para a EJA na obra de Paulo Freire. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins como requisito de avaliação para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da professora Juciley Evangelista Freire.

Data de aprovação: 11/07/2019.

Banca Examinadora

---

Prof.(a) Dr.(a) Juciley Evangelista Freire (UFT)

---

Prof.(a) Dr.(a) Cleivane Peres dos Reis (UFT)

---

Prof. Dr. José Carlos da Silveira Freire (UFT)

Palmas/TO

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus Criador por esta oportunidade, por ser o meu sustento nas horas de angústias e sofrimento, com a certeza de que nada seria sem a tua presença em minha vida. Agradeço de modo especial ao meu Pai Espiritual Pe. Renilton, por todo apoio e amizade.

Agradeço por toda minha família, em especial aos meus Pais Marileide e Gedeon por todo amor, dedicação e incentivo ao longo desta jornada. Aos meus irmãos Jarlan e Adriano que compartilharam comigo os melhores momentos da minha vida, ao meu sobrinho Nycollas que desde que chegou enche meu coração de alegria. Agradeço também aos meus avós José e Maria Domingas, que são fonte de inspiração e fé. A minha querida Vó Ana (in memoriam), que sempre estará presente em meu coração. Obrigada por tudo, e sei que estás muito feliz por mim.

Logo após a família, vêm os amigos que Deus nos presenteia na jornada, agradeço aos colegas da turma 2015.1, que pude conviver e vivenciar a história de cada um, são pessoas inspiradoras e cativantes. Obrigada as minhas amigas Alessandra, Arlete, Lenize e Patricia, por toda parceria durante o curso, e agora para vida.

Agradeço a todos os meus Professores, que são exemplos em excelência. Com muito respeito agradeço pela parceria a minha professora orientadora Dra Juciley Evangelista Freire, pela dedicação e empenho, que fez toda diferença.

A Universidade Federal do Tocantins, que em tempos difíceis, onde o ensino e a pesquisa não são valorizados, busca meios para oferecer um ambiente de estudo motivador e repleto de oportunidades.

## RESUMO

A presente pesquisa monográfica, apresentada para conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, partiu do seguinte questionamento: Quais os princípios político-pedagógicos propostos por Paulo Freire para nortear o processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Diante deste questionamento estabelecemos como objetivo geral conhecer os princípios políticos- pedagógicos para o processo de ensino-aprendizagem da EJA propostos por Paulo Freire, e como objetivos específicos, identificar na obra de Paulo Freire os fundamentos teórico- metodológicos a EJA; e refletir sobre os princípios políticos- pedagógicos que orientam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do EJA. A construção metodológica foi norteadada pela abordagem qualitativa, com revisão de literatura. As principais referências foram as obras de Paulo Freire: Freire & Shor, (1986); Freire, (1994); Freire, (2002); Freire, (2003); Freire & Guimarães, (2010); Freire, (2011); Freire, (2016). A leitura desses textos foram realizadas considerando seus fundamentos no que se refere à Educação de Jovens e Adultos. A análise realizada resultou na visão de Freire que teve um olhar voltado para a educação de jovens e adultos, onde critica a instrumentalização da educação, que deve ser uma prática libertadora e desafiadora, pois o professor tem esse papel de agir sobre o seu educando não impondo o seu conhecimento, mas fazer com que ele se torne consciente e crítico diante do meio em que vive. Desta forma, a educação problematizadora caracteriza-se pela intencionalidade, afirmando e fundamentando que alfabetizar é conscientizar, enquanto capacidade de admirar, objetivar, desmistificar e criticar a realidade envolvente do mundo no qual o homem ao descobrir-se seu construtor descobre-se sujeito da cultura e como tal se afirma como sujeito livre contra qualquer regime de dominação que visa a massificação, numa luta pela transformação, conquista e efetivação da sua liberdade alcançada pela práxis. Conclui-se que Paulo Freire criou um método ativo, dialógico, crítico e conscientizador, que propõe mudar o conteúdo pragmático da educação, somente um método que dialoga, que participa, que insere o estudante no mundo e o mundo na vida estudantil do estudante. Um método que não forma, mas dá forma cidadã a quem estuda e quem “ensina”, pois, ensinar é criar oportunidades, para sua própria construção.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Método de Ensino. Educação de Jovens e Adultos.

## ABSTRACT

This is a monographic research, to conclude the course of pedagogy of the Federal University of Tocantins, part of the following question: Which political and pedagogical resources proposed by Paulo Freire guide the process of teaching and learning in youth and adult education (EJA)? In view of this question, we set out as general objective to know the political-pedagogical principles for the EJA teaching-learning process proposed by Paulo Freire, and as specific objectives, to identify in Paulo Freire's work the theoretical and methodological foundations of EJA; and reflect on the political-pedagogical principles that guide the teaching and learning process of EJA students. A building methodology was guided by the qualitative approach, with literature review. As The main references were the works of Paulo Freire: Freire & Shor, (1986); Freire,(1994); Freire, (2002); Freire, (2003); Freire & Guimarães, (2010); Freire, (2011);Freire, (2016).

The reading of these texts was carried out considering its foundations regarding the Education of Youths and Adults . This analysis resulted in the view of Freire, who had a look at an education of young people and adults, he criticizes instrumentalization of education, which should be a liberating and challenging practice. The teacher has the role of acting on his or her student, not imposing knowledge, to make him / her aware and critical of the environment in which they are. In this way, a problematizing education. Intentionality, affirming and justifying that literacy is to raise awareness and the ability to admire, objectify, demystify and criticize the surrounding reality of the world, is not the man when discovering himself as the subject of the culture and how to become free in any regime of domination massification, transformation in the conquest and realization of their freedom achieved by praxis. It was concluded that Paulo Freire brought a method active, dialogic, critical and conscientious, which allows to change the pragmatic content of the education, a method that dialogues ,participates , inserts the student in the world and the world in student life. A method that does not shape , but gives citizenship for both educator and student . Therefore, teaching is to create opportunities, to their own construction.

**Keywords:** Paulo Freire. Teaching method. Youth and Adult Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: HISTÓRICO E CONCEPÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>11</b>
<b>3 PAULO FREIRE E OS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E PRINCÍPIOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS .....</b>	<b>17</b>
3.1 Paulo Freire e seu legado para a EJA.....	17
3.2 Fundamentos Teórico- Metodológicos para a EJA segundo Paulo Freire.....	21
3.3 Princípios Político- Pedagógicos para a EJA na obra de Paulo Freire .....	25
<b>4 CONCLUSÕES.....</b>	<b>28</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação brasileira encontramos muitos obstáculos que ainda persistem nos dias atuais, por ser uma educação tardia e não universalizada, com isso ocorre que classes sociais desfavorecidas e excluídas sejam lesadas no seu direito à educação.

Os jovens e adultos da modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA), são o reflexo da exclusão educacional, que por sua vez é resultado das desigualdades sociais. Trata-se de pessoas na maioria de classe baixa, que no seu período de escolarização normal foi lhe tirado o seu direito de ir à escola e concluir o seu processo educacional, que tentam uma segunda chance ou uma única chance de dar continuidade aos estudos, e muitos tentam o primeiro acesso à escola.

Segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p.67) os estudantes da EJA se dividem especificamente em dois grupos: o primeiro grupo com pessoas de mais idade que viveram em uma época de muitas provações, muitos viviam nas zonas rurais onde o acesso à educação era muito difícil, nesse grupo encontramos os analfabetos e com escolaridade baixa; no mesmo podemos ver uma grande parte feminina devido ao preconceito sofrido por parte da família onde à mulher se atribuía apenas as tarefas domésticas. Já no segundo grupo, temos um grande número de jovens que abandonaram os estudos precocemente por vários fatores sociais, seja por questão de pobreza, ou que tiveram que entrar no mercado de trabalho antecipadamente, a gravidez na adolescência igualmente tem sido um dos fatores em que as meninas delongam o seu processo educacional. Temos também os acontecimentos de fracasso escolar por motivo das várias reprovações ou atraso na alfabetização, que vai desenvolvendo um desgaste no aluno, levando-o a desistir da escola.

Nós, professores em formação, precisamos refletir sobre princípios político-pedagógicos, práticas e metodologias de ensino que atendam esses sujeitos em suas particularidades e singularidades, e propor criticamente uma reflexão e ação sobre teoria e prática. O professor é um dos principais atores no processo educacional, já que deve ser o motivador, mediador e provocador no processo de formação do aluno. “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo” (FREIRE, 2016, p.28).

O professor, ao valorizar e respeitar os saberes do aluno entende que todo discente tem suas experiências adquiridas na vivência cotidiana. Nesse sentido, o papel do docente é discutir esses saberes, criar possibilidades para que eles possam ultrapassar o senso comum e

ter uma criticidade, tornando-se sujeitos autônomos onde a escola é um ambiente de troca. Segundo Barcelos (2010, p. 171), o trabalho educativo “acontece em um tempo-espaço muito peculiar: o tempo e espaço da escola e das suas relações. A escola como um dos territórios de experiência sensível, um lugar de palavras, gestos, silêncios, atitudes. Lugar de experiências vividas”.

Diante dos estudos sobre a escolarização de jovens e adultos, em vista das contribuições prestadas pelo educador Paulo Freire a essa modalidade de ensino surgiu o seguinte questionamento: Quais os princípios político-pedagógicos propostos por Paulo Freire para nortear o processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

Partindo desse problema a presente pesquisa tem por objetivo geral conhecer os princípios político-pedagógicos para o processo de ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos propostos por Paulo Freire. Especificamente, objetiva-se: identificar na obra de Paulo Freire os fundamentos teórico-metodológicos a Educação de Jovens e Adultos; e refletir sobre os princípios político-pedagógicos que orientam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do EJA.

Para o alcance desses objetivos, do ponto de vista técnico a pesquisa será de revisão bibliográfica. Neste sentido, o método guiará o pensar da pesquisa e do pensador, e os procedimentos técnicos são a revisão de literatura sobre o tema. Assim, para identificar e refletir sobre os fundamentos e os princípios teórico-metodológicos e político-pedagógicos apontados por Paulo Freire para a EJA foram lidas e analisadas algumas obras desse autor: Medo e Ousadia: o cotidiano do professor (FREIRE & SHOR, 1986); Educação como prática de liberdade (FREIRE, 1994); Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1994, 2003, 2011); Aprendendo com a própria história. (FREIRE & GUIMARÃES, 2010); Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 2016)..

Este trabalho monográfico está dividido em quatro seções, sendo, além desta, introdução, a seção segunda que responde ao objetivo específico inicial que traz os fundamentos metodológicos e a vida pessoal e profissional de Paulo Freire; em seguida, a seção terceira que responde ao segundo objetivo específico, pois reflete sobre os princípios político-pedagógicos que orientam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA, e finalmente as conclusões do estudo.

## 2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: HISTÓRICO E CONCEPÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS

Para entender a história da Educação de Jovens e Adultos é fundamental a compreensão do contexto histórico, referente às relações econômicas, políticas, culturais e sociais, do Brasil. É extremamente importante estudar o passado, com a real conjuntura do país do ponto de vista político, referente à época em que se deu esse processo de escolarização. Modelo esse de educação que está rigorosamente vinculada aos processos econômicos, do país, onde podemos constatar que as políticas públicas, eram criadas para atender a esse público conforme a demanda econômica do Brasil necessitaria, de mão de obra qualificada. Por esse motivo ressaltamos a importância de aprender sobre o percurso da trajetória do passado que se reproduz na realidade do presente.

O processo de escolarização de jovens e adultos no Brasil perpassa por práticas formais e informais ao longo da história, não é algo novo muito menos recente. Desde o período colonial, quando os jesuítas no âmbito religioso e educativo ensinavam a maioria dos adultos, a princípio os indígenas, em seguida aos escravos. Ensinavam o catolicismo e a ler, escrever e contar.

No período do Império, a constituição de 1824, “garantia a instrução primária e gratuita para todos os cidadãos”, mesmo não estando escrito, considerava-se que deveria atender os adultos. Ao longo da história esse direito de garantia de escolarização a todos, progrediu vagarosamente, pois era interpretada como direito apenas das crianças. Foi importante para Constituições brasileiras posteriores (DI PIERRO, HADDAD, 2000, p.109).

Nesse período, uma pequena parcela da população possuía cidadania, somente aqueles que tinham posse, que pertenciam a uma elite econômica. Pouco foi realizado, tanto no ensino de jovens e adultos como na educação das crianças e adolescentes. Em razão de que ficava a cargo das províncias a responsabilidade das primeiras letras, e a atuação do governo central visava atender à corte. Os escravos e homens livres pobres eram excluídos ao acesso à educação. Como podemos observar a monopolização do conhecimento formal pelas classes dominantes, tornando a pessoa analfabeta como alvo de preconceito, acusando-as como incompetentes e dependentes.

No cenário da primeira república, a constituição de 1891 significou a primeira referência, já que consagrou a concepção de federalismo, em que a União passou a assumir uma presença maior no ensino secundário e superior, no qual a responsabilidade pública pelo ensino básico foi descentralizada nas províncias e municípios. Porém, as elites continuavam em poder da educação, como podemos averiguar “decisões relativas à oferta de ensino

elementar ficavam dependentes da fragilidade financeira das províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.109).

Sob esta fase da república houve um retrocesso, tirando das pessoas analfabetas o direito de voto, onde a maioria da população era iletrada, fez com que mais uma vez o poder da elite prevalecesse. Limitava-se a uma república dominada por poucos.

Durante essa época não houve muitos avanços como podemos observar abaixo:

(...) a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas. Isso só viria a ocorrer em meados da década de 1940. Havia uma preocupação geral com a educação das camadas populares, normalmente interpretada com instrução elementar das crianças. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.110)

No governo de Getúlio Vargas, o Estado passa exercer seu papel central, e a educação de jovens e adultos veio a se consolidar na década de 1940, com eixo na constituição de 1934, que estabeleceu o Plano Nacional da Educação. Esse marco almejava o “combate ao analfabetismo”, fundamentado em experiências mexicanas de ação em massa de alfabetização (OLIVEIRA, 1996, P.180).

A década de 40 vem com a marca dos movimentos sociais, nessa década com grande impulso na década de 50 que a educação de jovens e adultos volta a figurar na lista de prioridades necessárias do país. Em 1942 foi fundado o Fundo Nacional do Ensino Primário com o objetivo de realizar programas que ampliasse e incluísse o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. Este fundo foi regulamentado, estabelecendo que 25% dos recursos fossem investidos na educação de adolescentes e adultos, no ano de 1945. Com a Educação de Jovens e Adultos em alta, surge a Lei Orgânica do Ensino Primário no ano 1946, que anteciparia o ensino supletivo, e em 1947 apareceu um programa, de esfera nacional, tendo como objetivo atender especificamente às pessoas adultas, com a criação do SEA (Serviço de Educação de Adultos), que tinha como alvo coordenar e reorientar, os trabalhos dos planos anuais para adolescentes e adultos analfabetos do supletivo.

Esse movimento foi denominado de Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos, que durou até fins da década de 50, esse método pedagógico era discutível pois não contextualizava os alunos no contexto em que estavam inseridos, eram criados guias de leituras com pequenas frases e texto sobre comportamento moral e com informações de técnicas de trabalho e higiene e sobre saúde. Embora suas ações tenham praticamente se restringindo à alfabetização, sua proposta visava a uma ação educativa ampla, compreendendo a aprendizagem da leitura e da escrita, as operações elementares do cálculo, as noções básicas de cidadania, higiene e saúde, geografia e história pátria, puericultura e economia doméstica para as mulheres. Na verdade, tal proposta estava ancorada no conceito de educação de base sistematizados pela Unesco, que previa para os adolescentes e adultos, que não haviam frequentado a escola na “idade apropriada”, o conteúdo do ensino intensificado na América Latina. Propunha-se também a criação de centros, pelo

maior contato com a cultura, por intermédio do rádio, do cinema e de coleções de livros e de jornais. (FÁVERO, 2000, p. 14-15)

Esse plano de educação apresentava conteúdos correspondentes à escola primária, esse método foi usado para diminuir os altos índices de analfabetismo no Brasil, foi muito criticado, apontado como uma “fábrica de eleitores”, pois pessoas analfabetas não podiam votar na época como já foi dito aqui, e não tinha como objetivo a emancipação desses sujeitos, sendo esta campanha meramente assistencialista e compensatória.

Já no fim da década de 50 até o início da década 60 houve uma grande mobilização social pela valorização da educação de adultos. Foram criados muitos movimentos sociais nesse período, que podemos citar alguns como: Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Movimento de Educação de Base (1961-CNBB), Centros Populares de Cultura (UNE), Campanha de Pé no chão Também se Aprende (Prefeitura de Natal). Todos esses movimentos e programas foram influenciados pela pedagogia de Paulo Freire, que sentenciava a educação de massa e constatava o analfabetismo “não como a causa da situação de pobreza, mas como efeito de uma sociedade injusta e não-igualitária” (STEPHANOU; BASTOS (orgs), 2005, p.269). Houve uma grande repercussão desses movimentos sociais, pela maneira efetiva que atingiu os educandos com sua realidade de mundo, usando e reconhecendo a cultura popular, fundamentando assim a pessoa não alfabetizada como produtora de conhecimento. Com ascensão dos movimentos sociais, no mesmo ano Paulo Freire foi indicado para elaborar o Plano Nacional de Alfabetização com o Ministério da Educação. Mas esse plano foi interrompido, com o Golpe Militar em 31 de março de 1964.

Conseqüentemente foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização pela Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, como Fundação MOBREAL, o Estado em função das várias críticas que vinha recebendo, apoiou o MOBREAL fruto do trabalho realizado por um grupo interministerial. E com a Lei 5.692 de 1971 que institucionalizou o Ensino Supletivo. O MOBREAL foi a principal política de EJA dos governos militares e seu objetivo era impedir que o Método de Paulo Freire se espalhasse pelas escolas brasileiras. Que tinha como métodos ensinar as pessoas somente a ler e escrever sem haver a compreensão contextualizada dos signos. Com isso voltaram a frisar de que as pessoas não alfabetizadas eram responsáveis pela sua condição de analfabetos e pelo subdesenvolvimento do Brasil. Não tinha exigência quanto aos alfabetizadores, com a ideia que qualquer pessoa alfabetizada pode ensinar um adulto e pouco importavam se sabiam o método pedagógico. O MOBREAL foi extinto no ano 1985, com a chegada da Nova República. Seu fim foi marcado por várias denúncias sobre desvios de recursos financeiros.

Na Nova República poderemos ver a primeira explicitação dos direitos legais das pessoas não escolarizadas na idade ideal como pontua OLIVEIRA (2007, p. 4):

O inciso I do artigo 208 indica que o Ensino Fundamental passa a ser obrigatório e gratuito, “assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.” E seu artigo 214, a Carta Magna indica também a que legislação “estabelecerá o Plano Nacional de Educação, de duração plurianual, visando a articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e a integração das ações do poder público que conduzam à: I-erradicação do analfabetismo, II- universalização do atendimento escola.

Com esses breves relatos de acontecimentos da educação de jovens e adultos, podemos observar que a escolarização desses sujeitos era compartilhada entre órgãos públicos e por organizações societárias. Foi com a aprovação da Constituição em 1988, que tornou por direito a educação universal e de responsabilização do setor público a oferta gratuita de ensino aos jovens e adultos. Porém, hoje, essa universalização da educação, não atinge os jovens e adultos, como retrata os autores abaixo:

Observa-se, assim, que o ensino fundamental de jovens e adultos perde terreno como atendimento educacional público de caráter universal, e passa a ser compreendido como política compensatória coadjuvante no combate às situações de extrema pobreza, cuja amplitude pode estar condicionada às oscilações dos recursos doados pela sociedade civil, sem que uma política articulada possa atender de modo planejado ao grande desafio de superar o analfabetismo e elevar a escolaridade da maioria da população.( DI PIERRO, HADDAD, 2000)

Podemos observar que existem muitos desafios em relação à modalidade de ensino de jovens e adultos, além das lacunas deixadas pelo Estado, existe o vínculo escola e aluno, onde a escola se torna excludente para jovens e adultos, quando eles têm que se adequar a mesma com suas normas, metodologias tradicionais e a organização tempo-espacial da escola. Porque digamos que os alunos dessa modalidade de ensino não são o objetivo original dos métodos de ensino da escola. E existe uma grande dificuldade entre essa relação escola e discente. Lamentando essa situação, Oliveira pontua:

o desenvolvimento das atividades escolares está baseado em símbolos e regras que não são parte do conhecimento de senso comum. Isto é, o modo de se fazer as coisas na escola é específico da própria escola e aprendido em seu interior. As mais óbvias dessas regras, que configuram o “modelo escolar”, constituem um estereótipo bastante generalizado em nossa sociedade letrada, mesmo entre indivíduos que nunca estiveram na escola (e mesmo quando esse estereótipo não corresponde exatamente às escolas reais em funcionamento) — praticamente todo mundo sabe que na escola há um professor que ensina e estabelece as regras para um grupo de alunos que deve aprender e obedecer; há um quadro-negro e carteiras e as pessoas trabalham com cadernos, lápis e borrachas. Em nível mais sutil, dominar a mecânica da escola e manipular sua linguagem são capacidades aprendidas no interior da escola e, ao mesmo tempo, cruciais para o desempenho do indivíduo nas várias tarefas escolares. Muitas vezes a linguagem escolar mostrou ser maior obstáculo à aprendizagem do que o próprio conteúdo. Alunos que nunca haviam estado na escola tinham grande dificuldade de trabalhar com a linguagem escolar,

enquanto que aqueles que já haviam tido certo treino escolar demonstraram dominar a mecânica geral da escola e considerar os diversos tipos de atividades como aceitáveis no interior do mundo escolar, mesmo quando desconhecidas como atividades específicas. Entretanto, ainda que esses alunos mais treinados soubessem bastante a respeito da verossimilhança das atividades desenvolvidas em classe, a apresentação formal das tarefas escolares continuou sendo um obstáculo ao seu bom desempenho. Compreensão de instruções, particularmente quando por escrito, também constituía, ainda, grande parte do problema a ser resolvido. (OLIVEIRA, 1987, p. 19-29)

Outro problema existente na escolarização de jovens e adultos, ao qual essa pesquisa vai priorizar, são as metodologias de ensino aplicadas, buscando refletir sobre quais princípios político-pedagógicos, proposto por Paulo Freire, ou seja, como teoria e prática se articulam no movimento de ação e reflexão docente.

Paulo Freire (1996) diz que o educador precisa conhecer as várias dimensões da prática, para se tornar mais seguro no seu desempenho. Seu discurso teórico e sua prática devem articular-se. Mas, como se dá essa prática com sujeitos que não são o público alvo da nossa formação acadêmica, enquanto professores, e que a escola na maioria das vezes não os acolhe com suas singularidades? O que deve fazer o professor para ultrapassar as barreiras com esses alunos para expandir a sua teoria fazendo o uso da sua prática reflexiva?

A esse respeito Paulo Freire alerta que

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre Teoria deve ser o exemplo concreto prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos. (FREIRE, 2016, p.47)

Os princípios pedagógicos que norteiam a EJA é peça fundamental para dá norte aos professores que atuam nessa área, para compreender esses sujeitos que tem uma experiência de vida diferente que uma criança que chega na escola no tempo certo. Mesmo a pessoa não frequentando uma escola em uma aprendizagem formal, ela vai aprender informalmente em seu meio social em que vive, e com suas experiências. A esse respeito, Haddad (2001, p. 191-192) afirma que:

a educação continuada é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se com a ideia de construção do ser. Abarca, por um lado, a aquisição de conhecimentos a aptidões e, de outro, atitudes e valores, implicando no aumento na capacidade de discernir e agir. Educação continuada implica repetição e imitação, mas também apropriação, ressignificação e criação. Enfim, a ideia de uma educação continuada associa-se a própria característica distintiva dos seres humanos, a capacidade de conhecer e querer saber mais, ultrapassando o plano puramente instintivo de sua relação com o mundo e com a natureza.

Compreender as práticas educacionais da EJA requer um estudo criterioso, como nos mostra Freire (1967) e se já pensávamos em método ativo que fosse capaz de criticizar o

homem através do debate de situações desafiadoras, postas diante do grupo, estas situações teriam de ser existenciais para os grupos. Fora disso, estaríamos repetindo os erros de uma educação alienada, por isso instrumental. O autor sempre teve um olhar voltado para a educação de jovens e adultos, onde critica a instrumentalização da educação, que deve ser uma prática libertadora e desafiadora, pois o professor tem esse papel de agir sobre o seu educando não impondo o seu conhecimento, mas fazer com que ele se torne consciente e crítico diante do meio em que vive.

A seguir, apresentaremos as ideias do educador Paulo Freire sobre os embasamentos teórico-metodológicos que fundamentam os princípios político-pedagógicos propostos por este autor para a Educação de Jovens e Adultos.

### 3. PAULO FREIRE E OS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E PRINCÍPIOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Paulo Freire é um educador que tem, por meio de sua obra educacional, uma grande contribuição para se pensar a educação como ação política de combate às injustiças. Freire é um cidadão do mundo, visto ser muito respeitado em outros países pela sua produção intelectual e educacional.

Buscando valorar as produções literárias em torno de artistas tocantinenses trago para a introdução desta seção o cordel do poeta Juarêz Alencar Pereira (2010)<sup>1</sup>, que destaca a importância de Paulo Freire para a educação brasileira no poema “TRIBUTO A PAULO FREIRE”:

Uma história de valor  
 Vale a pena ressaltar  
 E que faz a diferença na educação popular  
 Esse grande Paulo Freire referência em educar

Pernambucano de origem  
 Em Recife ele nasceu  
 Onde desde pequenino  
 Com os pobres conviveu  
 Diante das dificuldades nova pedagogia nasceu

Fazia a leitura do mundo  
 Propunha a transformação  
 Com sua visão pedagógica  
 Consciência e libertação  
 Enfatizou com destaque  
 Enfim a libertação.

A partir das reflexões do poeta Juarêz, traçamos a seguir, um pouco da vida de Paulo Freire e seu legado educacional acerca dos fundamentos teórico-metodológicos e princípios político-pedagógico.

#### 3.1 Paulo Freire e seu legado para a EJA

Segundo Freire e Guimarães (2010), Paulo Reglus Neves Freire iniciou o curso ginásial no Colégio 14 de julho, no centro do Recife. Aos 13 anos perdeu seu pai e coube a sua mãe a responsabilidade de sustentar os quatro filhos. Sem condições de continuar pagando

<sup>1</sup> Poeta tocantinense. Disponível em <<http://juaresdocordel.blogspot.com/2010/02/parte-de-um-cordel-em-homenagem-um-dos.html>>

a escola, sua mãe pediu ajuda ao diretor de Colégio Oswaldo Cruz, que lhe concedeu matrícula gratuita e o transformou em auxiliar de disciplina, e posteriormente em professor de língua portuguesa.

Em 1943 ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Em 1944 se casou com Elza Maria Costa de Oliveira, professora primária, com quem teve cinco filhos. Depois de formado continuou como professor de português no Colégio Oswaldo Cruz e de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Em 1947, Paulo Freire foi nomeado diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria. Em 1955, junto com outros educadores fundou, no Recife, o Instituto Capibaribe, uma escola inovadora que atraiu muitos intelectuais da época, e que continua em atividades até hoje.

O legado de Paulo Freire surgiu no início dos anos 60 onde ele propunha uma educação libertadora e conscientizadora, que estava ligada aos movimentos de cultura popular. Começou a implementação do método Paulo Freire de princípio no Nordeste, onde concentrava o maior número de analfabetos do país, por conseguinte a região mais pobre do Brasil. Aconteceu em Angicos, Rio Grande do Norte, as primeiras experiências do seu método de alfabetização com a ajuda de alguns professores e alunos voluntários da Universidade Federal de Pernambuco, que em 45 dias, 300 trabalhadores tinham sido alfabetizados, através do seu método usando palavras geradoras da realidade de vida daqueles trabalhadores, usando como base o diálogo e a conscientização dos educandos, diferente da metodologia do MOBREAL posteriormente que só dava ao aluno a leitura e a escrita, sem a leitura de mundo. Essa experiência em Angicos, ficou conhecida em grande parte do país, chegando aos ouvidos dos governantes, que reconheceram a praticidade e o valor do método.

Os resultados obtidos- 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo o território nacional, mas desta vez com o apoio do Governo Federal. E foi assim que, entre junho de 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das capitais dos Estados brasileiros... O plano de ação de 1964 previa a instalação de 20.000 círculos de cultura, capazes de formar, no mesmo ano, por volta de 2 milhões de alunos. (FREIRE, p. 18-19)

Com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi acusado de agitador e levado para a prisão onde passou 70 dias, e em seguida se exilou no Chile. Durante cinco anos desenvolveu trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária. No Chile produziu “Educação como prática de liberdade” e define: “foi uma revisão ampliada de minha tese. Nos intervalos das minhas cadeias trabalhei o material da tese e acrescentei a experiência que se chamava “método de Paulo Freire” (FREIRE, GUIMARÃES, 2010, p.99).

Em 1969, Paulo Freire lecionou na Universidade de Harvard. Durante dez anos, foi consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Municipal das Igrejas, em Genebra, na Suíça. Viajou por vários países do Terceiro Mundo dando consultoria educacional.

Gadotti (2003, p. 26) ainda diz: “no pensamento de Paulo Freire, tanto os alunos quanto os professores são transformados em pesquisadores críticos. **Os alunos não são uma lata vazia para ser enchida pelo professor.**” Isso é incrível e faz todo o sentido, seja na pedagogia, na hebegogia ou na andragogia. Não podemos esperar que nossos alunos cheguem em sala de aula sem sentimentos, experiências, histórias, motivações pessoais, preconceitos, etc.

Em 1980, com a anistia, Paulo Freire retornou ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo. Foi professor da UNICAMP e da PUC. Foi Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo, na gestão de Luísa Erundina. Após a morte de sua primeira esposa (Elza), casou-se com Ana Maria Araújo Freire, conhecida como Nita Freire, uma ex-aluna do Colégio Oswaldo Cruz.

Freire ganhou 41 títulos de doutor honoris causa de universidades como Harvard, Cambridge e Oxford, morreu em maio de 1997, também foi condecorado como Patrono da Educação Brasileira em 2012, por meio de lei sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff e seu legado foi reconhecido pela Unesco. O título no Brasil foi concedido após votação unânime na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado naquele ano. Recebeu também o Prêmio de Educação para a Paz da UNESCO, em 1986; está incluído no *International Adult and Continuing Education Hall of Fame* e no *Reading Hall of Fame*; além de diversos outros reconhecimentos. Muitas fontes afirmam que é o 3º autor mais citado nos artigos acadêmicos em todo o mundo.

Paulo Freire foi exilado no Chile, entre 1964 a 1969, o motivo do exílio foi pano de fundo da situação econômica e política do Brasil iniciada na década de 60. Justamente neste cenário, Paulo Freire desenvolvia uma experiência inovadora no contexto educacional brasileiro. Esta experiência nasceu no Movimento de Cultura Popular-MCP, criado em “Recife-PE, no início dos anos 1960, era um movimento de intelectuais e de artistas e, dentro do MCP, Paulo Freire passou a coordenar os projetos que se chamavam Círculos de Cultura e Centros de Cultura”(CARVALHO. 2009, p.192).

Esta educação politizadora, chamada de problematizadora, proposta por Paulo Freire, não poderia ser vinculada a nova ideologia que o Estado intervencionista adotara para manter a hegemonia político-econômica. Assim, em 14 de abril, duas semanas após o golpe de

Estado, o programa foi extinto em 16 de julho de 1964. Na obra *Medo e Ousadia*, Freire relata: “Passei 75 dias na cadeia, tive diferentes experiências, relativas aos tipos de cela e aos tipos de relacionamento humano com as pessoas na prisão e com as pessoas que nos puseram na prisão, muitas coisas” (PAULO FREIRE & IRA SHOR, 1986, p. 77, grifos no original).

Na tentativa de referendar, ainda mais uma vez, como o conjunto das vivências no período de seu exílio, foram determinantes para a sua projeção como um dos mais importantes intelectuais que a América Latina produziu para pensar, discutir e propor ações educativas que perpassam o puro e simples pensar a educação por ela mesma, mas implica localiza-la, situa-la no contexto em que se engendra com os homens e com as lutas que os homens travam em seu momento histórico.

O exílio e o sofrimento não abateram Paulo Freire, pelo contrário, tornou ele, mais forte em suas convicções de luta por um povo que necessitava de sua orientação e respeito, neste sentido a obra *Pedagogia do Oprimido* traz a natureza de seu trabalho.

A obra estrutura-se em quatro partes que são precedidas de uma breve introdução, na qual Paulo Freire chama a atenção para o medo da liberdade ou o denominado perigo da conscientização enquanto processo de evolução de uma consciência ingênua ou mítica para uma consciência crítica, recorrendo à radicalização crítica, criadora e consequentemente libertadora enquanto unidade dialética entre subjetividade e objetividade, a qual gera um atuar e pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la, o que se transforma em ameaça à classe dominadora, que pela sectarização, obstáculo à emancipação dos homens, transforma o futuro em algo preestabelecido a par da manutenção de formas de ação negadoras da liberdade. Assim, a *Pedagogia do Oprimido* implica uma atitude e postura radicais baseadas no encontro com o povo através do diálogo enquanto instrumento metodológico que permite a leitura crítica da realidade, partindo da linguagem do povo, dos seus valores e da sua concepção do mundo, transformando-se numa luta pela libertação dos oprimidos. Paulo Freire expressa isso quando diz:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p. 11)

E este oprimido, precisa de respeito à necessidade da comunhão dos homens para se libertarem, somente quando o oprimido descobre o opressor e se compromete na luta pela sua libertação começa a crer em si mesmo, sendo «ação cultural» para a liberdade por ser ação com o povo. A ação libertadora como resultado da «conscientização» do povo traduz o caráter

eminentemente pedagógico da revolução, em que o método é a própria consciência enquanto caminho para algo apreendido com intencionalidade, em que educador e educandos numa tarefa em que ambos são sujeitos desmistificam a realidade e criticam-na para conhecê-la recriando o conhecimento, descobrindo-se como “refazedores” permanentes.

Hoje, entre as pessoas com 15 anos ou mais no país, 7% não sabem ler e escrever, segundo o IBGE. Apesar da queda gradativa ao passar das últimas décadas, esse número significa que o Brasil ainda está entre os dez países com mais analfabetos no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Assim, o estudo de Freire continua sendo atual.

Em conclusão, a obra de Paulo Freire é um trabalho de conscientização, recomendado a todos os homens e mulheres que se preocupam com a sua existência, e a todos os educadores em particular, pois tem um caráter político na medida em que, fazendo uma abordagem à valência emancipatória da educação enquanto instrumento de libertação de consciências e da necessidade da atuação do homem na sua própria existência, afirma que não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas que se disponha a transformar a realidade.

Paulo Freire tem sido combatido, porque é muito necessário neste período de re-existência nacional, uma vez que mostra as nossas necessidades, e afirma “o povo necessita de posições integradas com as exigências da democratização fundamental, por isto mesmo, combatendo a inexperiência democrática” (FREIRE, 1994, p.114). Neste sentido, o estudante precisa refletir na sua antologia enquanto sujeito, um método capaz de criticizar o homem por meio do debate de situações vivenciadas por ele todos os dias, formando-se em letramento do mundo, com ética social.

A educação problematizadora caracteriza-se pela intencionalidade, afirmando e fundamentando que alfabetizar é conscientizar, enquanto capacidade de admirar, objetivar, desmistificar e criticar a realidade envolvente do mundo no qual o homem ao descobrir-se seu construtor descobre-se sujeito da cultura e como tal se afirma como sujeito livre contra qualquer regime de dominação que visa à massificação, numa luta pela transformação, conquista e efetivação da sua liberdade alcançada pela práxis.

### **3.2 Fundamentos Teórico-Metodológicos para a EJA segundo Paulo Freire**

Ao buscar na rede de comunicação no site do Ministério da Educação (MEC) encontramos uma homenagem a Paulo Freire, e trago alguns trechos da matéria, em especial a história de vida da estudante Kelly que teve sua vida transformada pelo método de ensino de

Paulo Freire, hoje ela cursa graduação em engenharia de produção. A aluna Kelly afirma “Querendo ou não, a educação regular ainda é aquela na qual o professor é o dono do saber”, diz. “No método Paulo Freire não há um dono do saber, e aprender desse modo é muito tranquilo e mais fácil, até para a pessoa se encontrar no mundo e conhecer a realidade porque está ali, o que poderia mudar e como pode mudar”. Com a popularização do método Paulo Freire, milhares de brasileiros puderam experimentar essa forma de aprender e ensinar. A proposta incentiva o alfabetizando a se apropriar da escrita e da palavra para que entenda melhor o mundo e conquiste autonomia para transformar o meio em que vive. “A partir de Paulo Freire, a pessoa vê que não é só ler, não é só escrever, mas que vai além”, diz a estudante Kelly Cristina Guimarães Gregório. “A partir do ler e escrever, é possível enxergar o mundo e o seu lugar no mundo” (FREIRE, 2011)

Nesta pedagogia, o educador, através de uma educação dialógica problematizante e participante, alicerçada na confiança no povo, na fé nos homens e na criação de um mundo onde cada homem seja valorizado pelo que é, onde a liberdade do povo deve atender à perspectiva do oprimido e não do opressor, procura conscientizar e capacitar o povo para a transição da consciência ingênua à consciência crítica com base nas fundamentações lógicas do oprimido. Assim, caracteriza-se por um movimento de liberdade que surge a partir dos oprimidos, sendo a pedagogia realizada e concretizada com o povo na luta pela sua humanidade (FREIRE, 2003).

Freire (2003) chama a atenção para o medo da liberdade ou o denominado perigo da conscientização enquanto processo de evolução de uma consciência ingênua ou mítica para uma consciência crítica, recorrendo à radicalização crítica, criadora e conseqüentemente libertadora enquanto unidade dialética entre subjetividade e objetividade, a qual gera um atuar e pensar certo, sobre a realidade para transformá-la, o que se transforma em ameaça à classe dominadora, que pela sectarização, obstáculo à emancipação dos homens, transforma o futuro em algo preestabelecido a par da manutenção de formas de ação negadoras da liberdade. A “pedagogia do oprimido, humanista e libertadora, caracteriza-se pela pedagogia dos homens que lutam num processo permanente pela sua libertação, pelo que tem necessariamente de ser feita” (FREIRE, 2003, p.32), e acrescenta que “o povo através da reflexão sobre a opressão e suas causas, que gera uma ação transformadora, denominada por práxis libertadora” (FREIRE, 2003, p. 36).

Neste sentido, a luta pela liberdade é presente nas colocações de Freire, ressalta um comprometimento autêntico do povo, e que a comunhão do desejo de liberdade gera um renascer para o aprendizado e pela vida. Freire (2003) destaca que a situação concreta de opressão e os oprimidos, traz na convivência com os oprimidos, a compreensão de suas

formas de ser, de comportar e de refletir sobre a estrutura da dominação, sendo uma delas a dualidade existencial que leva a assumirem atitudes fatalistas, religiosas, mágicas ou místicas, que não permitem a superação da visão inautêntica do mundo e de si.

“A ação libertadora como resultado da conscientização” (FREIRE, 2003, p. 54) do povo traduz o caráter eminentemente pedagógico da revolução, em que o método é a própria consciência enquanto caminho para algo apreendido com intencionalidade, em que “educador e educandos numa tarefa em que ambos são sujeitos desmistificam a realidade e criticam-na para conhecê-la recriando o conhecimento, descobrindo-se como refazedores permanentes” (FREIRE, 2003, p.50).

Na perspectiva de Paulo Freire só há diálogo com um profundo amor ao mundo e aos homens, com humildade sincera e mediante a fé no poder de criar do homem, sendo assim um ato de criação e recriação, de coragem e de compromisso e de valentia e liberdade. Assim, o diálogo faz-se numa relação horizontal baseada na confiança entre os sujeitos e na esperança transformada na concretização de uma procura eterna fundamentada no pensamento crítico. O diálogo começa na busca do conteúdo programático que para o educador-educando, dialógico, problematizador, não é uma doação, mas uma devolução organizada, sistematizada e apresenta aos educandos e educadores o método de alfabetizar.

O método Paulo Freire de alfabetização é dividido em três etapas. Na etapa de **investigação**, aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia. Na segunda etapa, a de **tematização**, eles codificam e decodificam esses temas, buscando o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. E no final, a etapa de **problematização**, aluno e professor buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido. Portanto, este é o grande legado para a educação de jovens e adultos, criado e testado pelo seu idealizador Paulo Freire (1986,2003,2011).

No método freiriano, segundo Moacir Gadotti (2003, p.18), aprendiz de Freire e diretor do Instituto Paulo Freire, se decorria de um “processo de substituição de elementos reais por elementos simbólicos”, com a utilização de cartazes, discussões e leitura, “sequência inversa à utilizada para crianças, em que a leitura figura como elemento instrumental de construção e enriquecimento dos círculos de representação mentais”.

Paulo Freire cria o método a partir da vivência com pessoas que necessitavam aprender, e a partir da vivência de cada um, como o exemplo de Kelly no início deste texto, se ensinava para canavieiros utilizava o canavial como elementos de exemplificação das aulas e assim sucessivamente. A leitura de mundo sempre foi um fator primordial e motivador para

Paulo Freire tornar o ensino próximo de quem aprende, lembrando que o professor não é o detentor do saber, pois todos possuem a leitura do mundo, a partir de sua vida, de suas experiências.

A educação problematizadora caracteriza-se pela intencionalidade, afirmando e fundamentando que alfabetizar é conscientizar, enquanto capacidade de admirar, objetivar, desmistificar e criticar a realidade envolvente do mundo no qual o homem ao descobrir-se seu construtor descobre-se sujeito da cultura e como tal se afirma como sujeito livre contra qualquer regime de dominação que visa a massificação, numa luta pela transformação e conquista e efetivação da sua liberdade alcançada pela práxis. Também no dizer de Freire:

A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, estão sendo no mundo com que e que se acham. Se, de fato, não é possível entendê-los fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente de como as percebem, é verdade também que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebam no mundo. (FREIRE, 2011, p.100)

Quando se trata da EJA, tem uma vertente muito agravante que é a condição de sujeitos excluídos da escola, A escola se torna excludente para jovens e adultos, quando eles têm que se adequar a mesma com suas normas, metodologias tradicionais e o andamento escolar. Porque digamos que os alunos dessa modalidade de ensino não são o objetivo original dos métodos de ensino da escola. Portanto é indispensável pensar em currículos, programas e métodos de ensinamento que atendam esses sujeitos, não para repor o tempo perdido do percurso escolar, mas que venha complementar com o seu conhecimento de mundo.

Devido essa condição de excluídos da escola esses jovens e adultos se sentem desmotivados, envergonhados a voltarem a estudar, autoestima baixa e sofrem muito preconceito. É primordial considerar uma escolaridade para esses alunos, para que eles voltem a acreditar na sua capacidade de aprender.

Como podemos observar no contexto histórico da EJA, o ensino e aprendizagem desses sujeitos existe muitas lacunas, e Paulo Freire foi um educador voltado para o estudo dessa causa, e deixou valiosos ensinamentos sobre alfabetização libertadora, que busca conscientizar, mas Freire adverte: “Refiro-me a impossibilidade de uma real práxis libertadora se o educador segue o modelo do ‘domesticador’” (FREIRE, 1981). Portanto é preciso que os educadores, abandonem práticas tradicionais que insistem em não considerar o mundo experiencial do aluno no processo ensino aprendizagem, que faz com que muitos alunos desistam da EJA, por ser um ensino domesticador.

### 3.3 Princípios Político-Pedagógicos para a EJA na obra de Paulo Freire

Com o golpe que criou a ditadura varguista Estado Novo, toda a inovação em matéria eleitoral ficou suspensa até 1945. O governo visando a ampliação de eleitores oportunizou o aumento de escolas que ofertavam a Educação de jovens e Adultos (EJA), pois apenas homens alfabetizados votavam. Na década de 40, o governo fez uma campanha de alfabetização em massa, o curso durava três meses. Paulo Freire, após a alfabetização em massa, passou a organizar um programa de alfabetização no país, no entanto, após o golpe militar, Freire passa a ser visto como uma ameaça ao governo. Desta forma, a educação de jovens e adultos passa para o controle do estado e retornam o MOBREAL. Em 1974 o MEC propõe a implantação dos Centros de Estudos Supletivos. Em 1985 termina o Mobreal e cria-se a Fundação Educar, esta apoiava pesquisas sobre a produção escrita que refletiam na EJA. Com a Constituição Federal de 1988 o estado passa a ampliar o dever com a Educação de Jovens e Adultos.

Na obra “aprendendo com a própria história”, Freire & Guimarães, (2010) demonstram todo o percurso de vida educacional e política, onde Freire foca as questões políticas: “tenho a impressão de que falar um pouco das experiências que tive após o golpe de estado, no exílio, tem a ver com a educação, na medida em que foi o próprio trabalho político-pedagógico meu, anterior ao golpe que provocou o exílio”(FREIRE, GUIMARÃES, 2010, p.91-92). Com estas colocações, Freire destaca não só a importância histórico educacional que provou, estimulou, mas os 16 anos de exílio que trouxe para ele, além de saudades uma grande produção técnica e científica da educação para o país. Aliás, não só para o Brasil, mas por todos os países em que viveu, pois pode contribuir com as suas orientações e lições de vida e de educação.

Diante disto, trazemos o significado de educação para Paulo Freire (1994):

A educação é um ato de amor, por isto um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se incomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhes damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado da busca de algo que existe, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção (FREIRE, 1994, p.104).

A pedagogia proposta por Paulo Freire instiga os envolvidos a pensar e ser um Ser pensante, o ser que se enxerga, portanto, faz a leitura de mundo. O educador necessita também ser um formador de opinião, ter postura política e social, não é fazer apologia, mas

levar o seu educando a pensar, juntos criar e recriar situações de aprendizagem. Neste sentido, o momento atual nos traz uma postura educacional um pouco diversa da de Paulo Freire. Na verdade, deseja-se um educador e educando mais passivo, que não questione tanto, que acate as determinações. Desta forma, precisa-se questionar o que é mais importante, o aluno pensar, analisar e por suas conclusões, descobrir-se enquanto estudante, formulador de seu próprio conhecimento, ou ser o estudante copia e cola? Que não questione, que não faz a leitura de mundo, pois se fizer, descobrirá que engodo ele vive. O método de Paulo Freire traz isto, a realidade “nua e crua” para que a partir dela, possamos produzir conhecimentos, enxergar o mundo que nos cerca e criar mudanças e possibilidades, mesmo este mundo se mostrando caótico em certos momentos, tenha estes cunhos sociais, econômicos e educacionais.

Freire (1994) fala da visão harmônica entre a posição verdadeiramente humanista, muito necessária numa sociedade em transição como a nossa, e em especial no tocante ao uso da tecnologia. Neste sentido, a tecnologia precisa caminhar na mesma vertente do pensamento de Freire que afirma: “afastamos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica (...) uma alfabetização com tomada de consciência, na imersão que fizera no processo de nossa realidade” (FREIRE, 1994, p.112).

O método de Freire pode-se dizer atualmente, que retrata a vivência em nossos dias, dias de luta e dias de glória (Música de Charles Brown Jr). Quando Freire fala do método de ensino em que traz o estudante para dentro de sua realidade, e isto ser uma introdução a democratização:

Numa alfabetização que, que tivesse no homem, não este paciente do processo, cuja virtude única é ter mesmo paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem para sua aprendizagem, mas a seu sujeito. Na verdade, somente com muita paciência é possível tolerar, após as durezas de um dia de trabalho ou de um dia sem trabalho lições que fala de ASA – Pedro viu a asa – A asa é da ave. Lições que falam de Evas e de uvas, a homens e mulheres que conhecem algumas Evas e nunca comeram uvas (FREIRE, 1994, p.112).

As colocações de Freire (1994) deixam aberto o proposto de uma educação integralizada, em que os conteúdos devem fazer sentido, devem fazer parte da vida diária do estudante. A investigação temática implica uma observação simpática, atitudes compreensivas e uma percepção crítica da realidade do povo, constituída pelo seu conjunto de dúvidas, anseios e esperanças, por parte do educador para que expresse uma ação cultural, procurando os investigadores como objetivo da educação problematizadora centrarem-se na consciência máxima possível e não na consciência real. O diálogo com os oprimidos é um compromisso para a libertação que implica a transformação da realidade, porque os homens são comunicação e diálogo enquanto análise crítico-reflexiva sobre a realidade.

E a realidade vivida por estudantes e professores, traz a invasão cultural, caracterizada por manipulação de conquista, é também uma ação antidialógica, alienante e uma forma de dominar cultural e economicamente, procurando incutir a inferioridade intrínseca nos invadidos. Sobre a síntese cultural, em oposição à invasão cultural, o autor refere que “toda a ação cultural é uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social para mantê-la ou transformá-la, constituindo-se na dialeticidade permanência-mudança” (FREIRE, 2003, p. 179).

Na obra de Paulo Freire “Ação cultural para liberdade e outros escritos”, o autor escreve sobre o processo da alfabetização política, e descreve sobre:

Se, do ponto de vista linguístico, o analfabeto é aquele ou aquela que não sabem ler e escrever, o “analfabeto” político -não importa se sabe ler e escrever ou não – é aquele ou aquela que têm uma percepção ingênua dos seres humanos em suas relações com o mundo, uma percepção ingênua da realidade social que, para ele ou ela, é um fato dado, algo que é e não que está sendo. ( FREIRE, 1981, p.74)

E ainda:

O “analfabeto político, experimentando um sentimento de impotência em face da irracionalidade de uma realidade alienante e todo-poderosa, procura refugiar-se na falsa segurança do subjetivismo. Às vezes, em lugar deste refúgio, devota-se a práticas puramente ativistas. Talvez se pudesse comparar o “analfabeto” político, entregue a estas práticas, de caráter político, com o outro analfabeto, o que, lendo mecanicamente um texto, não percebe, contudo, o que lê. (FREIRE, 1981, p.74)

O autor pontua sobre o analfabetismo político, que é preciso quebrar paradigmas para que haja a educação libertadora o sujeito deve está ciente do mundo a sua volta, passar a ter um senso crítico, com a economia, com as manobras políticas para que haja esse processo revolucionário, “... exige a participação consciente das grandes massas populares, a superação da dicotomia trabalho manual – trabalho intelectual e uma forma de educação que não repita a burguesa.” (FREIRE, 1981, p. 77).

Em síntese o pensamento de Paulo Freire é um trabalho de conscientização, recomendado a todos os homens e mulheres que se preocupam com a sua existência, e a todos os educadores em particular, pois tem um carácter político na medida em que, fazendo uma abordagem à valência emancipatória da educação enquanto instrumento de libertação de consciências e da necessidade da atuação do homem na sua própria existência, afirma que não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas que se disponha a transformar a realidade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire e seu método de ensino são para nós educadores, futuros pedagogos não só exemplo de vida e doação por uma educação melhor, mas uma educação como prática de liberdade. O objetivo geral do estudo foi o de conhecer os princípios político-pedagógicos para o processo de ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos propostos por Paulo Freire. Neste sentido, o estudo respondeu ao objetivo proposto, pois trouxe dentro de suas seções as respostas e ou reflexões sobre o objetivo geral. Assim, apresentamos o método freiriano e sua importância política e educacional para os alfabetizados e conseqüentemente aos educadores que se apropriarem do método de ensino freiriano. Discorremos sobre um método ativo, dialógico, crítico e conscientizador, que propõe mudar o conteúdo pragmático da educação, um método que dialoga, que participa, que insere o estudante no mundo e o mundo na vida do estudante. Um método que não forma, mas dá forma cidadã a quem estuda e quem “ensina”, pois, o ensino é uma estrada de mão dupla.

Em relação aos princípios políticos-pedagógicos identificamos em Freire a educação para a libertação que é um ato de conhecimento, de uma ação transformadora, que devem exercer sobre a realidade. Sair da sua percepção ingênua, e ter um pensamento crítico diante de tudo que está a sua volta, lutar pelos os direitos, para que educação não possa reproduzir concepções dominantes. Para que possamos superar essa educação domesticadora, que muitas vezes nos cegou para realidades que nos oprimiram.

Além disto, trouxe mais conhecimento a pesquisadora, e iluminou o futuro da minha prática pedagógica enquanto pedagoga, também trouxe uma reflexão sobre o momento que estamos vivendo com críticas sem fundamento sobre o método de Freire, que deve ser valorado, respeitado e aceito na forma de pensar a educação.

Diante deste estudo podemos constatar que ensinar é uma tarefa árdua, e no que diz respeito a EJA, o professor deve ser sábio, tolerante e lutar em defesa dos seus direitos, mesmo que educação seja desprezada por governantes, poderes públicos, não pode desgostar do que faz, porque corre o risco de não fazer bem, e lutar por seus direitos mas sem interferir na sua ética profissional, ter competência para mudar, reinventar a forma histórica de lutar pelos direitos dos professores e dos educandos. Conhecer as dimensões para mudar a realidade, uma aventura criadora contribui positivamente, e estimular a curiosidade em seus alunos. E juntos professores e alunos devem aprender, ensinar e reconstruir um futuro com uma esperança crítica. (FREIRE, 2016).

Para basearmos nossa prática pedagógica temos os princípios-político e metodológicos deixados por esse grande educador que é Paulo Freire. Sabemos que não é tão fácil e não depende somente dos professores, existe todo um sistema político, histórico, cultural e medidas educacionais que dificultam o processo de ensino e aprendizagem de Jovens e Adultos.

## 5. REFERÊNCIAS

- BARCELOS, Valdo. Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis. Rio de Janeiro, 2010
- CARVALHO, Marco A. B. Paulo Freire e o exílio no Chile: uma contribuição recíproca para uma visão de mundo. **Educare et Educare**. Vol. 4 - Nº 7 - Jan./jun. 2009.
- DI PIERRO, Maria Clara, HADDAD, Sergio. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, mai./ago. 2000, p. 108-130.
- FÁVERO, Osmar. Lições da história: os avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil. In: PAIVA, Jane. Oliveira, INÊS B. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004, p.14-15.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 5 ed. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra 36.<sup>a</sup> ed. 2003.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50 edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54.ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO José E. (Org.) Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 6<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). et al. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- OLIVEIRA, (1987). O inteligente e o “estudado”: alfabetização, escolarização e competência entre alunos de baixa renda. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 13, nº 2, p. 15-26.
- PRODANOV, C. C. FREITAS, E.C de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.